

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O TRABALHO DOCENTE NO CONTEXTO DE REESTRUTURAÇÃO DO CAPITAL E DA RECOMPOSIÇÃO DO MUNDO DO TRABALHO

Ana Samilly Alexandre Moreira¹

RESUMO: Como qualquer outra atividade desenvolvida dentro da estrutura social capitalista o trabalho docente tem sido impactado pelo conjunto de mecanismos, que ao longo das últimas décadas, tem objetivado manter as taxas de lucratividade diante das crises estruturais desse modo de produção. Tais reestruturações tem impactado diretamente na precarização das condições de trabalho, no aumento das terceirizações e subcontratações, além do crescimento do exército industrial de reserva e rebaixamento salarial. O neoliberalismo tem sido o pano de fundo dessas medidas, refuncionalizando o Estado a partir de medidas de privatização, apoio fiscal e mercantilização de todas as atividades passíveis de rentabilidade. Dentre estas, a mercantilização da educação e seu direcionamento para atender às demandas do mercado de trabalho tem colocado aos professores/as um cenário de desmonte da política, burocratização e mecanização das atividades, sobrecarga de trabalho, más condições salariais e de vínculos empregatícios a partir, sobretudo, dos contratos temporários. O presente trabalho pretende, portanto, discutir em linhas gerais, as peculiaridades do exercício da docência, situando o debate entre trabalho e práxis social e como o cenário atual do mundo do trabalho tem incidido nas condições de execução do trabalho docente.

PALAVRAS-CHAVE: Capitalismo; Mundo do trabalho; Trabalho Docente.

1 Introdução

Nos anos de 1970 o capitalismo deparou-se com um quadro de crise acentuado, consequência do esgotamento do modelo fordista/keynesiano de produção que se seguiram a um conjunto de mudanças no campo social, econômico e político. A partir disso foi implementado um amplo processo de reestruturação do capital, com vistas a recuperar as taxas de lucratividade, o que afetou de forma contundente o mundo do trabalho.

Um dos pilares dessas mudanças foi o reordenamento da forma de produzir através da adoção de técnicas e métodos flexíveis, com enfoque na produção por demanda, no enxugamento das fábricas a partir do alargamento das terceirizações e subcontratações. Os trabalhadores passaram a amargar as consequências desse processo através do aumento do desemprego, dos vínculos fragilizados e desprotegido, no rebaixamento salarial e na

¹ Estudante do Mestrado Acadêmico em Serviço Social, Trabalho e Questão Social (MASS) - Universidade Estadual do Ceará (UECE); Bolsista FUNCAP; e-mail: assamilly@gmail.com.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



necessidade de dispor de mão de obra qualificada e polivalente que atendesse às novas necessidades do capitalismo.

Aliado a isso, o Estado ganha novas funções, sobretudo a de tornar mercantilizável todas as atividades e serviços que pudessem ser fontes de lucratividade, além do próprio incentivo fiscal/financeiro dado de forma mais sistemática, a abertura dos mercados nacionais, a garantia de infraestrutura e o subsídio em momentos de recessão financeira.

Nesse viés, o que se pôde ver foram a retirada dos investimentos públicos e o sucateamento dos equipamentos e políticas, além das privatizações nas mais diversas áreas, dentre elas a saúde e a educação, que passam a se tornar um promissor mercado para o investimento de grandes empresários e companhias.

Vale salientar que as crises que sucederam esse período apenas acentuaram o cenário de precarização das condições de vida e trabalho e no desmonte dos direitos sociais. A exemplo disso, a crise de 2008 fez irromper a necessidade do imperialismo estadunidense e seus aliados de recompor as taxas de lucro, o que tem sido feito através da superexploração econômica dos países periféricos; da abertura dos mercados para as grandes transnacionais; do estrangulamento dos orçamentos das nações periféricas através pagamento de juros das dívidas; da apropriação das riquezas naturais desses países e da regulação, a partir dos organismos internacionais, dos gastos e investimentos das políticas públicas.

Diante desse cenário, a política de educação tem sido alvo, sobretudo nos países de economia periférica, de uma série de arbítrios dos organismos internacionais e tem estado cada vez mais vinculada a uma dimensão mercadológica, inclusive com incentivos governamentais à abertura e consolidação do ensino privado em detrimento do sucateamento dos espaços públicos de formação.

Em consequência, novas requisições tem sido postas ao trabalho docente, seja no âmbito privado ou público, reordenando as condições de trabalho e de fazer profissional nesta área, o que perpassa a priorização da produção e do cumprimento de metas, a burocratização, as péssimas condições salariais que exigem que a grande maioria dos/as professores/as possua mais de um vínculo empregatício, a sobrecarga de disciplinas, o controle da autonomia em sala de aula, o adoecimento por estresse e cansaço, além do contato com as mais diversas

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



expressões da agudização da Questão Social², como o avanço do conservadorismo, o aumento da violência e preconceito no ambiente escolar, materializados pelo racismo, LGBTfobia, dentre outros.

O trabalho docente tem, portanto, estado envolto em todas as dinâmicas do mundo do trabalho no modo de produção capitalista, exercendo-se na contradição entre o desenvolvimento de atividades reflexivas e que despertam a transformação da consciência e o cumprimento de pré-requisito para fins de aprovação em vestibulares e concursos.

Diante disso, o presente artigo tem a intenção de apresentar algumas reflexões acerca das mudanças no mundo do trabalho na contemporaneidade e de suas incisões no trabalho docente. Apresentaremos inicialmente uma breve discussão acerca do trabalho e da práxis, a fim de situar o leitor em alguns elementos que são pertinentes à temática e posteriormente tecemos alguns argumentos sobre as especificidades do exercício da docência nos tempos atuais.

2 Trabalho ou práxis docente? Algumas reflexões iniciais

Discutir acerca da atividade docente diante da reestruturação do mundo do trabalho e da própria política educacional é crucial na atualidade. Nesse limiar, é necessário situar o leitor sobre a discussão em torno do questionamento se a atividade exercida pelos/as professores/as é trabalho ou uma práxis.

Tomamos por base o entendimento do trabalho enquanto constitutivo do ser social e de que foi através deste que a humanidade pôde satisfazer suas necessidades materiais e a via pela qual se estruturou em sociedade, é a partir do trabalho que “se torna possível a produção de qualquer bem, criando valores que constituem a riqueza social” (NETTO; BRAZ, 2011, p. 39).

² A questão social não é senão as expressões do processo de formação e desenvolvimento da classe operária e de seu ingresso no cenário político da sociedade, exigindo seu reconhecimento como classe por parte do empresariado e do Estado. É a manifestação, no cotidiano da vida sócia, da contradição entre o proletariado e a burguesia, a qual passa a exigir outros tipos de intervenção, mais além da caridade e repressão (IAMAMOTO; CARVALHO, 2011, p. 84).

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



O trabalho se distingue de outras atividades de cunho estritamente biológico a partir de elementos peculiares como a própria capacidade teleológica, ou seja, de prévia ideação e posterior objetivação, pela utilização de instrumentos em seu desenvolvimento, pelas habilidades e conhecimentos que são adquiridos inicialmente por repetição e experimentação e que são universalizados posteriormente e em terceiro lugar, pela capacidade de atender de forma ilimitada e variável a um conjunto diverso de necessidades (NETTO; BRAZ, 2011). Assim,

Somente o trabalho tem, como sua essência ontológica, um claro caráter de transição: ele é, essencialmente, uma inter-relação entre homem (sociedade) e natureza, tanto inorgânica (ferramenta, matéria-prima, objeto do trabalho etc.) como orgânica, inter-relação que pode figurar em pontos determinados da cadeia a que nos referimos, mas antes de tudo assinala a transição, no homem que trabalha, do ser meramente biológico ao ser social (LUKÁCS, 2012, p. 35).

Mesmo sendo constitutivo do ser social o trabalho não é limitador das atividades desenvolvidas pelo homem, que no decorrer da história e a partir das necessidades postas a cada tempo, desenvolve outras esferas de objetivação. O ser social, portanto, é mais que trabalho e, considerando que este cria objetivações que ultrapassam o universo do trabalho, tais atividades são definidas pela categoria práxis. Assim, “a práxis envolve o trabalho, que, na verdade, é o seu modelo – mas inclui muito mais que ele: inclui todas as objetivações humanas” (NETTO; BRAZ, 2011, p. 53).

Desse modo é enunciada a categoria ontológica central do trabalho: através dele realiza-se, no âmbito do ser material, um pôr teleológico enquanto surgimento de uma nova objetividade. Assim, o trabalho se torna o modelo de toda práxis social, na qual, com efeito – mesmo que através de mediações às vezes muito complexas –, sempre se realizam pores teleológicos, em última análise, de ordem material (LUKÁCS, 2012, p. 37).

Ainda segundo Netto e Braz (2011) a práxis pode ser voltada ao controle e exploração da natureza e também pode ter como resultante objetividades materiais e/ou ideais. E ainda:

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

ISSN: 2446-8126

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)



A categoria de práxis permite apreender a riqueza do ser social desenvolvido: verifica-se, na e pela práxis, como, para além das suas objetivações primárias, constituídas pelo trabalho, o ser social se projeta e se realiza nas objetivações materiais e ideais da ciência, da filosofia, da arte, construindo um mundo de produtos, obras e valores – um *mundo social, humano* enfim, em que a espécie humana se converte inteiramente em **gênero humano** (NETTO; BRAZ, 2011, p. 54, grifos dos autores).

Em torno das categorias trabalho e práxis se estabelece a discussão das atividades que podem ser classificadas entre uma ou outra. Sobre o trabalho docente, Lessa (2011) é um dos autores que enfaticamente defende que a atividade desenvolvida pelos professores/as não é trabalho, tendo em vista que não transforma diretamente a natureza, não dispõe de meios de trabalho³ e não tem como fruto da atividade um produto material. Em suas palavras:

Reforcemos: “objeto de trabalho” e “matéria-prima” são característicos, segundo Marx, apenas e tão somente do “processo homem natureza”, do trabalho, intercâmbio orgânico do homem com a natureza. Por isso estão presentes no trabalho proletário. As outras práxis, tal como o Serviço Social ou a Educação, são inteiramente distintas: nem transformam uma “matéria-prima” nem tampouco se voltam sobre “objetos de trabalho”. Elas interferem na reprodução de complexos sociais, atuam sobre relações que se desdobram exclusivamente entre seres humanos (LESSA, 2011, p. 174-175).

Segue a argumentação afirmando que dado os aspectos da operacionalidade, funcionamento, instrumentos e técnicas a atividade do proletariado e do professor são ontologicamente distintas, “objetivam atos teleológicos orientados a finalidades substancialmente diversas: o primeiro transforma a natureza, o segundo, a substância social da personalidade de seus alunos” (LESSA, 2011, p. 173).

No caso do proletário a relação é estabelecida entre o homem e a natureza e no caso do professor, uma relação exclusiva entre seres humanos. Para o autor, não significa dizer que a atividade desenvolvida pelo professor não tenha que recorrer a instrumentos que são natureza transformada, ou que o intercâmbio com a natureza não seja social, mas que proletários e professores objetivam atos teleológicos de natureza diversa (LESSA, 2011).

3 “O ‘meio de trabalho’ é matéria natural que serve como mediação entre o trabalhador e seu objeto (natureza ou matéria-prima) [...] são resultantes, imediata ou indiretamente da transformação da natureza.” (LESSA, 2011, p. 174).

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Divergindo dessa perspectiva analítica, Saviani (2011) é um dos autores que se contrapõe ao pensamento de Lessa quando afirma que a educação se constitui como própria dos seres humanos, tendo em vista que estes precisam produzir constantemente à sua própria existência e o fazem não a partir de uma atividade qualquer mas de uma “ação adequada a finalidades”, ou seja, que possui uma ação intencional, uma teleologia.

Assim, “dizer, pois, que a educação é um fenômeno próprio dos seres humanos significa afirmar que ela é, ao mesmo tempo, uma exigência do e para o processo de trabalho, bem como é, ela própria, um processo de trabalho” (SAVIANI, 2011, p. 11).

Afirma ainda que se o processo de subsistência humana depende de uma produção material, que se amplia a partir do surgimento de novas necessidades esse pode ser entendido como “trabalho material”. Contudo, para se produzir materialmente o homem precisa antecipar em ideias sua objetivação, o que inclui a necessidade de conhecimento de propriedades como a ciência, a ética e a arte. O conhecimento de tais aspectos abrem para uma outra categoria de trabalho, o “não material”. Destarte,

Trata-se aqui da produção de ideias, conceitos, valores, símbolos, hábitos, atitudes, habilidades. Numa palavra, trata-se da produção do saber, seja do saber sobre a natureza, seja do saber sobre a cultura, isto é, o conjunto da produção humana. Obviamente, a educação situa-se nessa categoria do trabalho não material (SAVIANI, 2011, p. 12).

O objeto da educação, portanto, diz respeito a um conjunto de elementos que precisam ser assimilados pela espécie humana para garantir a reprodução, através da universalização do conhecimento e por outro lado, de garantir a satisfação de suas necessidades de forma mais objetiva e eficaz. Assim,

O que não é garantido pela natureza tem que ser produzido historicamente pelos homens, e aí se incluem os próprios homens. Podemos, pois, dizer que a natureza humana não é dada ao homem, mas é por ele produzida sobre a base da natureza biofísica. Consequentemente, o trabalho educativo é o ato de produzir, direta e intencionalmente, em cada indivíduo singular, a humanidade que é produzida histórica e coletivamente pelo conjunto dos homens (SAVIANI, 2011, p. 13).

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Não nos interessa fazer maiores aprofundamentos sobre essa discussão, mas situar o debate e considerar nos termos do “trabalho docente” o conjunto de atividades exercida pelos/as professores/as, em âmbito público e/ou privado e que como qualquer outra atividade dentro do modo de produção capitalista sofre as incisões de seus processos de crise, reestruturação e exploração dos/as trabalhadores/as, seja no âmbito da transformação da natureza e produção direta, seja no âmbito da reprodução social.

3 Capitalismo contemporâneo e o trabalho docente

O modo de produção capitalista vive um ciclo recessivo de larga duração que assola o cenário mundial desde a década de 1970. O declínio do modelo de produção fordista/keynesiano configurou-se como uma das crises de maior incisão vivenciada pelo capitalismo, exigindo uma reestruturação não somente nas suas formas de produzir mas também no conjunto das relações sociais. Hegemônico até então, tal modelo de produção se assentava-se na produção em massa, destinada ao consumo, também em massa. A quebra desse padrão tem impactos decisivos sobre a taxa de lucro capitalista. Diante disso,

O capital deflagrou, então, várias transformações no próprio processo produtivo, por meio da constituição de formas de acumulação flexível, do *downsizing*, das formas de gestão organizacional, do avanço tecnológico, dos modelos alternativos ao binômio taylorismo/fordismo, em que se destaca o “toyotismo” ou o modelo japonês. Essas transformações, decorrentes da própria concorrência intercapitalista (num momento de crises e disputas intensificadas entre os grandes grupos transnacionais e monopolistas) e, por outro lado, da própria necessidade de controlar as lutas sociais oriundas do trabalho, acabaram por suscitar a resposta do capital à sua crise estrutural (ANTUNES, 2009, p. 49-50).

Segundo Santos (2007), a fim de recompor as taxas de lucratividade o capitalismo passa por um processo de reestruturação, partindo de um modelo de produção mais rígido à formas mais flexíveis, a partir de três alternativas: aumento das aplicações em capitais especulativos, reestruturação industrial e transformação da esfera estatal enquanto padrão de regulação.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Acerca do aumento de aplicações em capitais especulativos nos importa mesurar que tal medida visa um rendimento garantido pela liquidez e mobilidade, sem envolvimento direto nos processos produtivos. Esse aspecto é favorecido pela mundialização do capital que também passa a reordenar a disposição das linhas de produção em territórios onde se pode comprar mão de obra e matéria-prima a baixo custo e onde hajam os maiores incentivos fiscais, financeiros e infraestruturais por parte dos Estados. Cabe salientar que as economias periféricas são as priorizadas nesse processo, onde inclusive os recursos naturais são utilizados de forma a acumular lucros. Cabe salientar que:

[...] o investimento especulativo do mercado de ações aposta na extração de mais valia presente e futura dos trabalhadores, para alimentar as expectativas de lucratividade das empresas, segundo padrões internacionais que parametram o mercado financeiro. Ele impõe mecanismos de ampliação da taxa de exploração via: políticas de gestão; “enxugamento da mão de obra”; intensificação do trabalho e aumento da jornada sem correspondente aumento dos salários; estímulo à competição entre os trabalhadores em um contexto recessivo, que dificulta a organização sindical; chamamentos à participação para garantia de metas empresariais; ampliação de relações de trabalho não formalizadas ou “clandestinas”, com ampla regressão dos direitos; entre outros mecanismos, como os aperfeiçoamentos técnicos e a incorporação da ciência e da tecnologia no ciclo da produção no sentido lato (produção, circulação, troca e consumo) (IAMAMOTO, 2015, p. 113-114).

A reestruturação industrial perpassa o aumento do capital constante em detrimento da diminuição da força de trabalho, o enxugamento das linhas de produção com enfoque nas terceirizações e nas contratações temporárias, além da possibilidade de produção nos espaços domésticos e da utilização de novas técnicas de gestão da força de trabalho que se utilizam de uma falaciosa “participação” dos/as trabalhadores/as, quando na verdade só trazem um reforço subjetivo às necessidades de manutenção da força de trabalho produtivas, preservando em sua essência o trabalho estranhado e alienado (ANTUNES, 2009).

Esses aspectos acabam por aumentar o desemprego, inchando ainda mais o exército industrial de reserva e fazendo crescer os níveis de informalidade e de pobreza e miséria da classe trabalhadora, além de servir como tensionador do rebaixamento salarial daqueles/as que estão inseridos no mercado de trabalho, o que estimula a competitividade entre os/as trabalhadores/as.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



Nesse viés, as transformações no campo produtivo acarretam resultados diretos no mundo do trabalho, sobretudo, a partir da desregulamentação dos direitos trabalhistas, do aumento da fragmentação da classe trabalhadora, da precarização e terceirização da força de trabalho e na fragilização do sindicalismo pela dificuldade de organização política que essas novas formas de produção acarretam para o conjunto da classe trabalhadora (ANTUNES, 2009).

Amplia-se o alargamento da jornada de trabalho acoplada à intensificação do trabalho, estimulada pelas formas participativas de gestão voltadas a capturar o consentimento passivo do trabalhador às estratégias de elevação da produtividade e da rentabilidade empresarial. A redução do trabalho protegido tem no seu verso a expansão do trabalho precário, temporário, subcontratado, com perda de direitos e ampliação da rotatividade da mão-de-obra (IAMAMOTO, 2015, p. 118-119).

No que concerne à refuncionalização do Estado, este passa a exercer atividades mais sistemáticas enquanto regulador dos processos de crise, favorecendo o grande capital no âmbito da infraestrutural, fiscal e político. Sendo central a sua atuação na garantia da reprodução da classe trabalhadora e no apaziguamento da luta de classes.

Esse processo, orquestrado pelo ideário neoliberal, passa a redistribuir o atendimento às necessidades sociais dos/as trabalhadores/as entre organizações de caráter privado, a partir da mercantilização das políticas públicas que podem ser rentáveis ao capital, limitando sua responsabilidade à manutenção da propriedade privada, à segurança pública e ao atendimento de demandas que não são passíveis de lucro, através da assistência social (MOTA, 2009).

Nesse viés da privatização encontra-se a política de educação, que tem sido alvo de interesse por parte do capital, amparada pelo Estado, que prioriza os investimentos no setor privado em detrimento do sucateamento e fragilização das condições de trabalho dos espaços públicos. A política de educação, sobretudo nos países periféricos torna-se moeda rentável para os grandes investidores com total apoio e incentivo do Estado. O que se visualiza é, portanto, a transformação da educação em mercadoria, o crescimento dos espaços privados e o sucateamento das instituições públicas de ensino.

Outro elemento que aqui merece destaque é a própria direção dada aos espaços de formação, sendo cada vez mais recorrente uma educação mecânica, destinada a formação

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



rápida de profissionais, voltados para as demandas imediatas do mercado de trabalho e à aprovação em seleções de vestibular e concursos, estruturando-se cada vez mais por estratégias e programas de eficácia, regida por contratos de gestão, avaliada por índices de produtividade e que passa a se orientar e ocupar seus docentes e estudantes às exigências alheias e distantes do trabalho intelectual e de processos mais profícuos de reflexão.

Diante desse cenário, o trabalho docente encontra-se atingido de dupla maneira: pelas reconfigurações da política de educação e de seu viés cada vez mais mercadológico e das próprias metamorfoses ocorridas no mundo do trabalho nas últimas décadas. Ao passo que a atividade docente atua na transformação das consciências, na transmissão de conhecimentos e processos de reflexão como pontuado anteriormente, esse trabalho é cada vez mais permeado pela alienação, pela execução de atividades mecanizadas e burocráticas.

As condições de trabalho para os/as professores/as se apresentam cada vez mais precarizadas, envoltas na burocracia e na fragmentação do trabalho numa divisão técnica onde devem ser priorizadas uma maior eficiência e menor racionalização. Além disso, os baixos salários, a instabilidade, as más condições do ambiente de trabalho, a sobrecarga de trabalho e necessidade de manutenção de mais de um vínculo empregatício são elementos que permeiam a atividade docente na contemporaneidade. Este tende a ser reduzido a repetição de conteúdos, onde os/as professores/as são cada vez mais excluídos de instâncias decisórias e de gestão dos espaços de ensino.

Outros elementos, pontuados por Vale (2012), são as incidências desse processo nas questões de saúde dos/as profissionais, sendo cada vez mais crescentes os casos de estresse, cansaço, depressão, dentre outras patologias, a necessidade de possuir mais de um vínculo empregatício, sobretudo para os/as docentes inseridos/as em instituições privadas, o imperativo de qualificação e produção quantitativa que tem influenciado sobremaneira no processo político organizativo de parcela desses profissionais.

São reproduzidos dois aspectos do cotidiano desses/as professores/as que, segundo a autora supracitada, merecem maior reflexão, sendo eles o controle da autonomia desses/as profissionais e as dificuldades encontradas para a mobilização coletiva na defesa de uma educação pública, gratuita e de qualidade. Assim, “os docentes apenas veem aprofundando o sofrimento que o trabalho alienado, fruto do capitalismo gera: ao invés de realizador das

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



aspirações humanas, é um momento de seu esgotamento e degradação”. (FERREIRA, 2011, p. 66).

4 Conclusão

As metamorfoses no mundo do trabalho, ocasionadas pelas reordenações do modo de produção capitalista incidem diretamente na condição de vida do conjunto de trabalhadores/as, tanto daqueles/as inseridos/as no mercado de trabalho formal como os/as da informalidade e do desemprego. Aliado a esse processo, o redirecionamento do Estado, amparado pelos ditames neoliberais, mercantiliza as políticas públicas que podem ser fonte de lucratividade.

O trabalho docente incorpora, portanto, as consequências desses dois grandes processos, sendo cada vez mais precarizadas suas condições de vida e trabalho. Sendo trabalhadores/as assalariados/as, vendem sua força de trabalho a fim de garantir sua subsistência e o fazem na linha tênue entre o fomento de uma atividade reflexiva, própria da natureza de seu trabalho e o cumprimento de pré-requisitos, cada vez mais ditados por fatores e elementos externos, como a própria venda da educação como mercadoria ou seu direcionamento para atender às necessidades do mercado de trabalho.

Tanto nos espaços de formação pública quanto privados, nos mais diversos níveis de ensino, o que se pode visualizar é uma crescente burocratização da atividade docente, unida a administração de conteúdos engessados e que visam aprovar a maior quantidade possível de alunos em processos seletivos. Além disso, as condições objetivas para a execução desse trabalho tem se dado de forma cada vez mais prejudicada, seja pelos baixos salários que obrigam os/as professores/as a possuírem mais de um vínculo empregatício, seja pelas más condições físicas dos espaços de formação, pela instabilidade e falta de apoio para a qualificação profissional ou pela lógica perversa de controle de suas autonomias em sala de aula, adensado pelo avanço do conservadorismo, acompanhada sempre pela necessidade de maior eficiência no cumprimento de prazos e metas.

Outro elemento que merece destaque é a própria agudização das expressões da Questão Social, que atravessam e fazem do ambiente escolar um espaço de suas

VI seminário CETROS
CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL
desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE
(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



manifestações. Nesse sentido, a escola tende a ser expressão do aumento da violência, da fome pobreza, do racismo e LGBTfobia, dentre tantas outras manifestações pelas quais os/as professores/as precisam lidar cotidianamente, na maioria dos casos sem o auxílio de uma equipe profissional que devidamente acompanhe essas questões.

Todos esses elementos são centrais no processo de adoecimento cada vez maior desses profissionais e do desenvolvimento de uma real insatisfação na execução de suas atividades, tornando-se os/as professores/as um conjunto de trabalhadores/as que vivem de forma contundente os desmontes vivenciados no campo das políticas públicas e do reordenamento do mundo do trabalho pelos ditames do capital.

5 Referências Bibliográficas

ANTUNES, Ricardo. **Os Sentidos do Trabalho**: ensaios sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2009.

FERREIRA, Carlos Serrano. **Pauperização e Alienação do Trabalho Docente**: contradições e perspectivas para o movimento dos trabalhadores de educação. Revista Germinal: Marxismo e Educação em Debate. v.1. n.1. Londrina: UFBA, 2011. Disponível em: <https://portalseer.ufba.br/index.php/revistagerminal/article/viewFile/9493/6917>. Acesso em 01/07/2018.

IAMAMOTO, Marilda Vilela; CARVALHO, Raul de. **Relações Social e Serviço Social no Brasil**: esboço de uma interpretação teórico-metodológica. São Paulo: Cortez, 2011.

IAMAMOTO, Marilda Vilela. **Serviço Social em Tempo de Capital Fetice**: capital financeiro, trabalho e questão social. São Paulo: Cortez, 2015.

LESSA, Sérgio. **Trabalho e Proletariado no Capitalismo Contemporâneo**. São Paulo: Cortez, 2011.

LUKÁCS, Gyorgy. **Para uma Ontologia do Ser Social II**. São Paulo: Boitempo, 2012.

MOTA, Ana Elizabete. **Crise Contemporânea e as Transformações na Produção Capitalista**. In: Serviço Social: direitos sociais e competências profissionais. Brasília: CFESS/ABEPSS, 2009.

VI seminário CETROS

CRISE e MUNDO do TRABALHO no BRASIL

desafios para a classe trabalhadora

22, 23 e 24 de Agosto de 2018 - UECE

(Auditório Central - Campus do Itaperi)

ISSN: 2446-8126



NETTO, José Paulo; BRAZ, Marcelo. **Economia Política: uma introdução crítica.** São Paulo: Cortez, 2011.

SAVIANI, Dermeval. **Pedagogia Histórico-Crítica: primeiras aproximações.** Campinas: Autores Associados, 2011.

VALE, Erlenias Sobral do. **A Reprodução do Ideário Neoliberal no Cotidiano Acadêmico: reiteraões e resistências do trabalho docente na UECE.** Tese (Doutorado em Serviço Social) – Universidade Federal de Pernambuco. Recife: UFPE, 2012.